

# AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

*Cláudio Vinícius de Senna Gastal Jr.*

***E**ntre 1816 e 1822, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire empreendeu longa jornada por território brasileiro. Ao cabo da expedição e percorridas 2.500 léguas divididas entre Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o célebre viajante havia descrito algumas das principais formações florísticas do país. Sem contar as novas famílias, gêneros e espécies que descreveu a partir do material recolhido. De sua passagem por terras sul-rio-grandenses resultou o famoso relato de viagem ainda hoje esquadrinhado por analistas de diferentes matizes. Afinal, como nos diz Augusto Meyer, Saint-Hilaire deve ser incluído em categoria especial de viajantes, a dos cientistas forrados com boa formação humanística.*

Augustin-François-César Prouvençal de Saint-Hilaire, conhecido por Auguste de Saint-Hilaire, nasceu na cidade de Orléans (Gália) em 4 de outubro de 1779. Segundo Planchon, Saint-Hilaire, filho de família rica que teria perdido todos os seus haveres no início do século XIX, passou a mocidade junto de um tio refugiado em Hamburgo, onde trabalhou no comércio. Esta estadia na Alemanha lhe permitiu o aprendizado da língua alemã e conseqüentemente o contato com as obras de Goethe, em especial as relacionadas com a morfologia das plantas.

De regresso à França foi estudar botânica, trabalhando em herborização com Eusèbe de Salvert e Pelletier. Em Paris, estudou os problemas de afinidades com Antoine Laurent de Jussieu, Organografia Vegetal com Louis-Claude-Marie Richard e Fito-grafia e Identificação das Plantas com Desfontaines. Também é desta época a amizade com Kunth, que trabalhava com as coleções de Humboldt e Bonpland.

Devido à repercussão alcançada pela publicação de seu primeiro trabalho, veio para o Brasil em 1º de abril de 1816, saindo da França como membro da Embaixada Francesa do Conde de Luxemburgo, chegando ao Rio de Janeiro em 1º de julho de 1816; a partir desta data até 1822, estudou vastas regiões do Brasil, descrevendo não só a botânica como aspectos relativos à zoologia e ao cotidiano das localidades por ele visitadas. Os burros carregados seguiam na frente, enquanto ele vinha a seguir com seu empregado francês, parando muitas vezes para fazer coletas e depois alcançar os demais. Percorreu cerca de 2.500 léguas numa média de 3 a 4 léguas por dia, pelos estados brasileiros do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, além do Uruguai. Foi Saint-Hilaire, como ele mesmo declarou, o primeiro a estudar os desertos de Goiás, os Campos Gerais dos arredores de Curitiba e uma grande porção do Rio Grande do Sul.

Como Martius, Saint-Hilaire deixou-se empolgar pelas belezas naturais da terra brasílica, descrevendo as principais formações florísticas do Brasil. Devido à grande variedade, Saint-Hilaire disse “que a flora florestal brasileira seria estudada não em seu tempo, mas sim muito mais tarde, quando cada região apresentasse um *botânico sedentário* que da florística silvestre se ocupasse”, pois ele não poderia se estabelecer em definitivo para dedicar-se a fundo a cada região visitada. Todavia, dispensou atenção especial para as plantas úteis, o que resultou na obra *Plantes Usuelles des Brésiliens*.<sup>1</sup>

Saint-Hilaire também teve grande preocupação quanto à devastação que já naquela época acontecia nas áreas florestais em nosso país. Tomemos como exemplo desta preocupação o que ele diz no seu relato sobre Minas Gerais: “todo o sistema de agricultura brasileiro é fundado na destruição de florestas, e onde não há mata não há cultura.”

<sup>1</sup> SAINT-HILAIRE, A. de. *Plantes Usuelles des Brésiliens*. Paris: Glimbert, 1824. Escreveu também: *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay* (1824); *Flora Brasiliae meridionales ou Histoire et Description de toutes les plantes que croissent dans les différentes provinces du Brésil* (3v.), com a colaboração de A. de Jussieu e Cambessèdes (1824-1825); *Voyage dans les provinces de Rio-de-Janeiro et de Minas Geraes* (2v., 1830); *Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil* (1833); *Voyage aux sources du rio San-Francisco et dans la province de Goyaz* (2v., 1847-1848); *Voyage dans les provinces de Saint-Paul et Sainte Catherine* (2v., 1851).

No Brasil escreveu apenas suas notas de viagens e ligeiras observações fitográficas; na Europa dedicou-se ao estudo taxonômico das espécies, o que permitiu a elaboração de várias notas nas Memórias do Museu de História Natural de Paris e a publicação da *Flora Brasílica Meridionalis*, em 1825, obra que lhe abriu as portas da Academia de Ciências.



Auguste de Saint-Hilaire.

Desculpando-se pelo atraso de suas publicações, dizia no prefácio do primeiro relato:

*(...) confiei demais nas minhas forças; quando voltei do Brasil estavam esgotadas. Viagens tão penosas, empreendidas com tão débeis recursos, e acompanhadas de tantas fadigas e privações, não poderiam ser levadas a cabo sem sacrificio das forças do viajante. Algum tempo após o regresso, a saúde me alterou; fui obrigado a suspender os trabalhos e procurar, no sul da França, um clima mais semelhante que o de Paris, àquele em que vivera por tanto tempo.*

Isto se deve aos inúmeros acidentes que ocorreram durante suas viagens, como, por exemplo, quando um de seus empregados foi picado por uma cobra, ou quando passou mal junto com Dreys, ao experimentarem carne de cisne, ou ainda quando ele foi envenenado pelo mel da abelha lechiguana.

As coleções botânicas de Saint-Hilaire são constituídas principalmente por plantas de campo, cerrado, caatinga. Estudou também em parte as florestas, verificando e buscando explicações para a diversificação delas, no Brasil, pois não são por toda a parte as mesmas, oferecendo variantes segundo a natureza do terreno, elevação do solo ou distância do Equador. Este trabalho possibilitou a Saint-Hilaire a criação de duas novas famílias – Tamariscineas (hoje Tamaricaceas) e Paronychieas (tribo de Caryofilaceas) –, vários gêneros e mais de 1.000 espécies novas.

### **Saint-Hilaire no Rio Grande do Sul**

Entre 5 de junho de 1820 e 16 de maio de 1821, Saint-Hilaire visitou o Rio Grande do Sul. Entrou por São Domingos das Torres (hoje município de Torres), percorreu o litoral norte e chegou a Porto Alegre em 21 de junho de 1820, tendo passado pelos municípios de Tramandaí, Viamão e Mostardas. Após uma estada em Porto Alegre, também pelo litoral foi até Rio Grande e Pelotas, passando para o Uruguai e entrando novamente no Rio Grande do Sul por Ribeiro de Santa Anna (hoje município de Uruguaiana). De lá alcançou São Borja e a região das Missões, voltando a Porto Alegre por Rincão da Boca do Monte (hoje município de Santa Maria), Potreiro da Estiva (hoje município de Cachoeira do Sul) e Vila do Rio Pardo (hoje município de Rio Pardo).

Conforme a tradução de Leonam de Azeredo Penna, “Saint-Hilaire chegou novamente a Rio Grande, aí demorou-se algum tempo e seguiu, depois, para o Rio de Janeiro em 16 de maio de 1821, onde chegou após feliz travessia, que durou dez dias, segundo carta que escreveu em 4 de dezembro de 1821”.

Seu livro *Viagem ao Rio Grande do Sul* nada mais é do que um diário minucioso, onde descreve com fidelidade todas as suas passagens pelos lugares visitados. Como ele mesmo escreveu no prefácio de *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*,

*O estudo das produções vegetais do Brasil era, sem dúvida, o primeiro de minha viagem; entretanto não desprezei nenhum fato que, sob outros pontos de vista, pudesse contribuir para uma idéia justa deste país tão interessante. Cada dia escrevia um diário detalhado de tudo quanto se me oferecia ao olhar, e consignava, tanto quanto me permitia os fracos conhecimentos, tudo quanto pudesse contribuir para uma idéia exata das zonas visitadas.*

De fato, encontramos em seu diário inúmeras observações e comentários, não só sobre aspectos botânicos, mas também

sobre hábitos e costumes, acidentes geográficos, língua, cultura indígena, agricultura, pecuária, além de aspectos sócio-culturais e políticos da época. Tais observações quase sempre são complementadas por comparações aos costumes europeus e até mesmo por críticas mordazes. Também lhe foi possível, inclusive, “prever” algumas coisas quanto ao futuro do Rio Grande do Sul, como por exemplo quando ele nos fala sobre Porto Alegre.

Logo que Saint-Hilaire atravessa o Mampituba, vindo de Santa Catarina, já descreve os montes que são arredondados como torres, arbustos e relvados, e também relata sobre 30 prisioneiros espanhóis tomados de Artigas, todos índios, “salvo um”.

Dois dias após, em Itapeva, descreve a palhoça onde ficou hospedado e faz esta observação: “Apesar da indigência demonstrada por esta triste habitação, a dona de casa apresenta-se muito melhor trajada que os campônios franceses.” Logo a seguir descreve a existência de culturas de mandioca, feijão, trigo e milho.

Por estes exemplos, verifica-se a preciosidade de suas observações. Há até uma listagem de palavras da língua dos índios guaicurus, com significado em francês!

Ao mesmo tempo em que analisa as espécies de plantas encontradas na Estância do Silvério, entre a Lagoa Mirim e o mar, compara as flores, pequenas e de delicada consistência, com as que florescem na Europa no começo da primavera. E volta a observar:

*As casas são cobertas de palha. São pequenas, mobiliadas de modo pobre e construídas de enchimento. Causa espanto o contraste existente entre estas casas e o trajar das mulheres que as habitam. Vi à janela de uma destas palhoças uma encantadora moça cujos cabelos estavam penteados com gosto, trazendo um belo vestido de chita e um fichú de seda.*

Chegando às Missões, recebeu cestas de pêssegos, figos, melancias e melões, e sobre estas frutas escreveu:

*De todas as regiões conhecidas por mim, na América, não encontrei outra em que os frutos europeus produzissem tão bem como aqui. Contudo não se dispense cuidado algum aos pessegueiros, eles se curvam ao peso dos frutos e são absolutamente superiores aos nossos “pêchers de vigne”. (...) mandou-me uma cesta de maçãs perfeitamente maduras, as melhores que hei comido fora da França....*

Ainda na região das Missões, encantado com o panorama da região, relata:

*Esta província oferece, pois, simultaneamente, todas as belezas das regiões descampadas e das zonas de mata*

*virgem. É claro que os jesuítas só se estabeleceram aqui por terem encontrado índios dóceis e dispostos a acatar-lhes as ordens, mas se o critério de escolha fosse topográfico eles não teriam encontrado lugar melhor.*

*Em toda parte servem-nos refeições logo à chegada; cardápios compostos unicamente de carne, de galinha, de vaca, sob diversos feitios, assada, cozida ou guisada. Em nenhuma parte nos serviram hortaliças... A carne é succulenta, mas sendo costume usá-la logo após ser o animal abatido, apresenta-se meio dura.*

Em meio às descrições de nossa flora, somos surpreendidos com a segurança com que o botânico francês previa o futuro das localidades por ele percorridas. Podemos tomar como exemplo:

*As amendoeiras, os pessegueiros, as ameixeiras, macieiras, pereiras e cerejeiras desenvolvem-se muito bem nos arredores de Porto Alegre, produzindo bons frutos. Entretanto, poucas são as pessoas que se dedicam ao cultivo destas frutas e em geral as espécies para aqui trazidas são de qualidade inferior. (...) Penso que quando a população aumentar e o número de propriedades tornar-se maior, esta cultura poderá vir a ser uma boa fonte de renda. A falta de braços impede aos brasileiros de aproveitarem as possibilidades oferecidas pelo país, mas será útil conhecer todas para que as pessoas possam aproveitar no momento oportuno.*

A vinha prospera muito bem. Algumas pessoas fabricam vinho, porém de qualidade inferior e sem aceitação.

*Somente vantagens terá, e grandes, a introdução geral de uma espécie qualquer de fabrico de vinho no Brasil, devendo o governo encorajar, por todos os meios possíveis, a plantação da vinha e a fabricação do vinho nas regiões do Brasil onde possa haver esperança de sucesso, tais como esta Capitania, em Goiás, no Distrito Diamantino e na comarca de Sabará na Capitania de Minas.*

Existem ainda, ao final de seu diário, interessantes notas sobre a agricultura em Rio Pardo.

Infelizmente, foi também em território sul-rio-grandense que Saint-Hilaire sofreu o acidente que traria graves conseqüências para o resto de sua vida. Em 1º de fevereiro de 1821, nas margens do Rio Guarapuitã, não longe das bordas do Rio Uruguai, Saint-Hilaire viu-se envenenado com o mel da abelha lechiguana, acidente responsável pela longa e cruel doença que

retardou a publicação da terceira e quarta parte de sua viagem. Conta ele que estava em um sítio quando dois companheiros de viagem encontraram uma caixa de abelhas selvagens, semelhante às colméias européias; tendo destruído essa colméia, recolheram o mel que foi comido pelos três. Logo após a ingestão começou a passar mal: “avalio não ter tomado quantidade de duas colheradas... senti logo uma dor no estômago, mais incômoda do que forte. Levantei-me, mas senti tal fraqueza que não pude dar mais de cinquenta passos...” Saint-Hilaire, assim como seus companheiros, foi acometido por várias alucinações, e só começou a melhorar após vomitar, devido à grande quantidade de água quente que tomou para este propósito.

Tendo mais tarde visto alguns índios comendo o mel de outra colméia das mesmas abelhas, supôs que “tais abelhas não retiram sempre o mel das mesmas plantas, mas como admitir que esse mel possa ser para o homem ora venenoso, ora agradável alimento...”. De acordo com Bruno Irgang, do Departamento de Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o mel ingerido por Saint-Hilaire teria sido feito do pólen de algum tipo de flor da família Asteraceae.

### **Saint-Hilaire e a erva-mate**

Pelas anotações precisas que Saint-Hilaire deixou, é possível dizer que provou um mate pela primeira vez em Campinas, quando viajava por São Paulo em 1819.

Quando a caminho de Montevidéu, vindo de Rio Grande em setembro de 1821, fez o seguinte comentário sobre o chimarrão:

*O uso desta bebida é geral aqui. Toma-se-o ao levantar da cama e, depois, várias vezes ao dia. A chaleira de água quente está sempre ao fogo e, logo que um estranho entra na casa, se lhe oferece o mate.... Quanto à planta que oferece essa bebida, discriminam-na erva-mate ou simplesmente mate. (...) Os verdadeiros viciados do mate tomam-no sem açúcar e, então, tem o chamado chimarrão.*

*A primeira vez que provei esta bebida, achei-a muito sem graça, mas logo acostumei-me a ela e atualmente tomo vários mates, de enfiada, mesmo sem açúcar. Acho no mate um ligeiro perfume, misto de amargor, que não é desagradável.*

Saint-Hilaire teve maior contato com o mate brasileiro nas imediações de Curitiba. Ali conheceu o método paraguaio de se preparar o mate, ao observar um paraguaio que o fazia à maneira do seu país. Com ele “inteirou-se dos muitos detalhes de seu

**Bibliografia consultada**

- ANDRADE, C. D. Meu amigo Saint-Hilaire. *Folha de São Paulo*, 14/10/79.
- ANDRÉ, A. et al. *Auguste de Saint-Hilaire*. Edição Comemorativa. Porto Alegre: Sulina/ARI, 1982.
- DREYS, N. *Nota descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/RS, 1961.
- MENEZES, E. D. B. Professores estrangeiros no Brasil, uma perspectiva histórica. *Ciência Hoje*, SBPC, v.14, n. 83: 39-46, 1992.
- QUINTAS, A. T. Datas e itinerários dos viajantes botânicos no Rio Grande do Sul. *Revista da Faculdade de Agronomia e Veterinária*, UFRGS, v. 1, fasc. III: 57-58, 1956.
- ROMARIZ, D. A. Viagens de Saint-Hilaire a Minas Gerais. In: Simpósio sobre a Vegetação de Minas Gerais/Congresso Nacional de Botânica, 37, 1986. *Anais*. Ouro Preto, 1986.
- SAMPAIO, A. J. Auguste de Saint-Hilaire. *Bol. Museu Nacional do Rio de Janeiro*, v. 4, n. 4:1-31, 1925.
- VELLINHO, M. *Capitania d'El Rei*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1970.

**Cláudio Vinícius de Senna Gastal Jr.** é mestrando do Curso de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

fabrico, desde a época e método das colheitas, tempo de plantio, secagem e moagem”. Depois, chegando ao Rio Grande do Sul, seus conhecimentos sobre este costume aumentaram muito.

Havia, na época, uma grande discussão sobre a “congonha” ou “erva do mate” do Brasil e Paraguai, uma vez que seus consumidores encontravam grande diferença entre a erva brasileira e a paraguaia. Isto foi solucionado por Saint-Hilaire, que comparou o material de árvores das duas procedências:

*Até o presente, os autores estão em desacordo relativamente ao gênero em que deve ser classificada tal planta. Eu, tendo-a encontrado com flores e frutas, pude analisá-la e, num trabalho que pretendo submeter à Academia, sobre o vegetal em questão, ser-me-á fácil demonstrar que o mesmo pertence ao gênero Ilex.*

O que ocorre são diferenças no preparo da erva e variações decorrentes de fatores climáticos. Saint-Hilaire relata: “Se, de fato, o mate do Paraguai é, por sua qualidade, superior ao do Brasil, resulta essa diferença apenas da diversidade dos processos empregados na preparação da planta.”

A denominação *paraguariensis* e não *paraguayensis*, para a espécie, decorre da forma adotada por Saint-Hilaire, que além de ter o direito de prioridade devido a sua descrição, vem do termo Paraguai em latim, que é *Paraguaria*.

Antes de falecer em 1853, Saint-Hilaire formalizou a vontade de que fosse publicada sua obra *Voyage à Rio Grande do Sul – Brésil*. Esta missão foi entregue a R. de Dreuzy, que solicitou patrocínio para impressão ao Conde D’Eu (o texto deste pedido encontra-se no prefácio da edição da obra em português). Em resposta, a Condessa D’Eu, em 5 de março de 1884, comunica que o Conde D’Eu aceitava com prazer a dedicatória da publicação que devia completar a obra de Saint-Hilaire. A *Viagem ao Rio Grande do Sul* foi publicada por H. Herluison em Orléans no ano de 1887 e no Brasil, em 1935, pela Ariel Editora.

Saint-Hilaire morreu a 30 de setembro de 1853, em Turpinière (Loiret). Era membro da Academia de Ciências do Instituto de Paris, Professor da Faculdade de Ciências de Paris, Cavaleiro da Legião de Honra, das Orleans de Cristo e do Cruzeiro do Sul.